

CLICC



CONFERÊNCIA
DAS LIDERANÇAS
DO COOPERATIVISMO
DE CRÉDITO

RIO 2020



REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO



APOIO



COORDENAÇÃO TÉCNICA





Cenários socioeconômicos e oportunidades

A **CLICC Rio 2020**, realizada em 27 de setembro de 2017, discutiu expectativas quanto à evolução socioeconômica fluminense, nos próximos anos. Levar em conta cenários variados é fundamental ao planejamento de ações do cooperativismo financeiro, no contexto de mudanças tecnológicas e regulatórias.

Os temas selecionados também ampliaram o conhecimento das lideranças do segmento sobre as tendências da economia brasileira e internacional. Foi, portanto, importante contribuição ao fortalecimento e expansão do cooperativismo em benefício de seus associados e da sociedade em geral.

A Conferência aconteceu no auditório da Bolsa de Valores, na praça XV, coração dos resultados das recentes obras de reurbanização que deram a feição que a cidade, há tempos, merecia. Reuniu 186 dirigentes e executivos do Sicoob, Sicredi e Unicred que participaram ativamente de um dia inteiro de apresentações e debates.

Os desafios são múltiplos e concatenados: desde a grande velocidade de introdução das novas tecnologias de comunicação e informação no mercado financeiro, passando pelas mudanças demográficas e do marco regulatório chegando à queda das taxas de juros. Em seu conjunto, eles impulsionam o acirramento da concorrência no mercado e, com ela, a necessidade das cooperativas oferecerem produtos e serviços financeiros de qualidade a preços competitivos.

São desafios que determinam movimentos em favor do fortalecimento e expansão do cooperativismo financeiro, instrumento do desenvolvimento local sustentável e de obtenção dos ganhos que o Brasil precisa em termos de competitividade econômica e de combate às desigualdades.

Esta publicação resume intervenções, palestras e debates que constaram da programação da Conferência com o objetivo de melhor fundamentar nossas ações futuras.



CLICC

CONFERÊNCIA
DAS LIDERANÇAS
DO COOPERATIVISMO
DE CRÉDITO

RIO 2020



Conferência das Lideranças das Cooperativas de Crédito - CLICC Rio 2020

Organizador da publicação: Carlos Alberto dos Santos (Cosinergia) / **Patrocínio e Apoio:** SESCOOP RJ / **Edição e textos:** Clara Favilla / **Foto da capa:** Rafael Defavari / **Fotos internas:** Ana Paula / **Revisão:** Mariflor Rocha / **Projeto gráfico e diagramação:** Contexto Gráfico

REALIZAÇÃO



UNICRED



PATROCÍNIO



APOIO



COORDENAÇÃO TÉCNICA





APRESENTAÇÃO

Cenários socioeconômicos e oportunidades.....2

ABERTURA

Cooperativismo de crédito e redução da desigualdade7

Marcos Dias
(OCB-Secoop)

Trabalho integrado para vencer desafios.....8

Luiz Antônio Ferreira de Araujo
(Sicoob Central/Rio)

Disseminação do conhecimento e expansão do cooperativismo.....9

José Maria de Azevedo
(Unicred Central RJ/MT)

Foco no portfólio de produtos e serviços.....10

Denise Damian
(Sicredi/Rio)

Agenda para superar desafios.....11

Luiz Edson Feltrim
(Ex-diretor do Banco Central)

**PAINEL 1**

SISTEMA FINANCEIRO E COOPERATIVISMO DE CRÉDITO

O momento é de virada14
Alberto Borges Matias (USP)

Um mar de oportunidades18
Carlos Alberto dos Santos (Cosinergia)

**Aposta na expansão de agências
ainda é necessária?**21
Kedson Macedo (Cofebrás)

**Precisamos trabalhar mais
fortemente com empresas**22
Neilton Ribeiro da Silva (Sicoob Fluminense)

PAINEL 2

A REVOLUÇÃO DIGITAL E O FUTURO DOS BANCOS

Mudanças afetam todos os setores23
Cezar Taurion (Kick Corporate Ventures)

As fintechs são o futuro26
Eduardo Diniz (Sicoob Empresas)

PAINEL 3COOPERATIVISMO DE CRÉDITO:
EVOLUÇÃO DO MARCO REGULATÓRIO

**Agenda BC+ é fundamental
para o crescimento do país**32
João André Calvino Marques Pereira
(Banco Central)

PAINEL 4O PERFIL SOCIOECONÔMICO DA POPULAÇÃO
FLUMINENSE, TENDÊNCIAS E EVOLUÇÃO

Nossos desafios não são triviais36
Marcelo Neri (FGV)

PALAVRA FINAL

**Intercooperação impulsiona
o processo de inovação**40
Nábia Jorge (Sicoob Central Rio)



CLICC RIO 2020 / Abertura

Cooperativismo de crédito e redução da desigualdade

NOSSO GRANDE DESAFIO é o de seguir promovendo, de forma consistente, a inclusão financeira. Para isso, precisamos estar aptos a oferecer com agilidade e eficiência um amplo leque de produtos e serviços para a população pessoa física ou empreendedora de menor renda, inclusive nos utilizando de plataformas tecnológicas.

Precisamos focar no desenvolvimento e oferta de produtos e serviços geradores de cidadania financeira de fato o que, na prática, significa presente e futuro com maior segurança, como acessos à aposentadoria complementar, à assistência médica e à capacitação profissional.

Maior participação na economia brasileira traz mais renda, mais produção, maior inserção na vida política nacional e melhorias nos índices de bem-estar social. A obtenção da cidadania financeira não se restringe, portanto, ao simples acesso a uma conta-corrente como forma de receber salários e pensões. Ela é apenas um primeiro passo rumo a objetivos maiores.

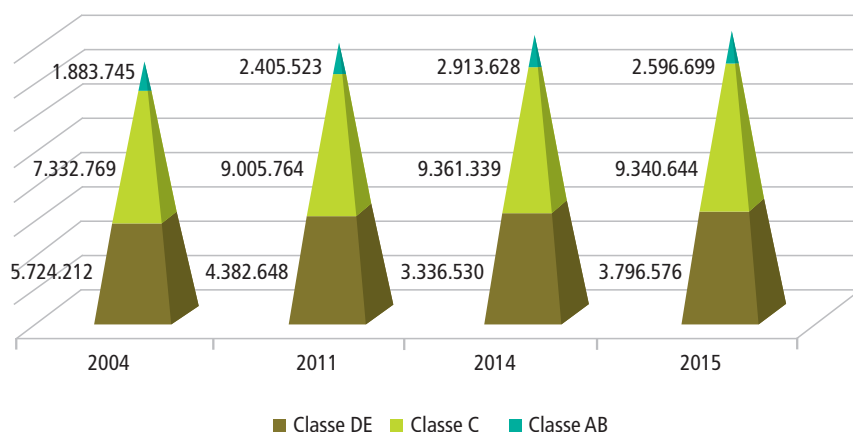
Relizamos já várias ações no contexto de estratégias de inclusão. Umas com bons resultados. Outras nem tanto. Não podemos perder tempo querendo inventar a roda. Precisamos nos espelhar em exemplos de sucesso. O debate promovido pela CLICC Rio 2020 vai, certamente, contribuir para os avanços que queremos.

O Banco Central é parceiro fundamental do cooperativismo de crédito, o que tem sido bom para o país. A hora é a de se conseguir, via cooperativismo, a redução significativa das nossas desigualdades econômicas e sociais. A hora é de ofertarmos produtos e serviços que realmente facilitem a vida dos nossos associados empresas ou pessoas físicas, de aumentar o fluxo de nossas operações em prol da produção e da produtividade nacional. ;

ABERTURA / Marcos Diaz / OCB-Sescoop/RJ



PIRÂMIDES DE CLASSE (Estado do Rio de Janeiro)



O cooperativismo de crédito apoia o desenvolvimento local com efeitos imediatos sobre a qualidade de vida das pessoas.



Trabalho integrado para vencer desafios

PARA SE ACELERAR a expansão do cooperativismo de crédito no Rio de Janeiro é necessário o aprimoramento da oferta de produtos e serviços aos participantes do sistema. É imperativo que possamos fazer todas as operações necessárias ao nosso dia a dia através da cooperativa da qual somos associados, instalada ou não na cidade que residimos.

A internet é a ferramenta do presente e do futuro. O atendimento não precisa, na maioria das vezes, ser presencial. O uso de plataformas digitais pode auxiliar e muito a atuação conjunta dos sistemas cooperativos em favor de um atendimento mais abrangente e eficiente aos nossos cooperados, assim como na atração de novos integrantes.

Precisamos buscar caminhos para um trabalho mais integrado que reduza a defasagem de atuação hoje existente entre o cooperativismo fluminense e de outros estados. Temos registrado expressivo crescimento, mas a defasagem nos situa em posição desfavorável no *ranking* do cooperativismo. Defasagem que não é compatível com a expressão econômica e financeira do Rio no cenário nacional.

É imperativa a expansão do cooperativismo na região como ferramenta de desenvolvimento econômico, de geração de emprego e renda, de melhoria das condições de vida da nossa população. Para isso, a interação entre os sistemas é fundamental. A soma de esforços é pré-requisito para a difusão da cultura cooperativista associada à educação financeira. **;**



Disseminação do conhecimento e expansão do cooperativismo

O COOPERATIVISMO DE CRÉDITO é feito por pessoas que acreditam nas pessoas. Nossas marcas são importantes na medida que se consolidam como referência de um trabalho diferenciado dentro do sistema financeiro focado nas necessidades de seus associados, do território onde vivem, trabalham e empreendem.

O resultado de nossas ações conjuntas deve ser sempre o bem-estar, a melhoria das condições de vida das pessoas, a melhoria dos indicadores socioeconômicos das cidades e região onde atuamos. Considero a CLICC 2020 um evento memorável por ter reunido a elite do nosso cooperativismo de crédito.

“NOSSOS JOVENS
PRECISAM ENTENDER A
IMPORTÂNCIA DO
COOPERATIVISMO
PARA A ECONOMIA E A
SOCIEDADE EM GERAL.”

As lideranças dos três sistemas que participaram da Conferência acreditam que é para as pessoas que o cooperativismo existe. Sabem que quem trabalha no segmento precisa estar preparado permanentemente para atendê-las cada vez melhor como forma também de atrair um maior contingente de associados.

Em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo no Estado do Rio de Janeiro (Sescoop/RJ), a Unicred está empenhada na implementação de projetos de inserção da educação cooperativista nas instituições de ensino. Nossos jovens precisam entender a importância do cooperativismo para a economia e a sociedade em geral. Precisamos difundir nossa filosofia.

Também estamos investindo permanentemente na capacitação dos que lidam diretamente com nossos cooperados. Nosso objetivo é o de transformar o modo deles pensarem o atendimento e os serviços oferecidos, em busca de superar sempre as expectativas de quem nos procura. Pessoas bem atendidas geram maior demanda por nossos serviços e mais pessoas empregadas pelas cooperativas. Ou seja, um movimento sempre virtuoso. ;



José Maria de Azevedo (Unicred Central RJ/MT) durante participação na CLICC Rio 2020



Foco no portfólio de produtos e serviços

A **CLICC RIO 2020 DEMONSTROU** que começamos a escrever, juntos, uma história mais sólida para os sistemas Sicredi, Unicred e Sicoob, no Rio de Janeiro. Esta união de forças certamente ampliará a confiança dos nossos associados nos produtos e serviços que prestamos, como também o impacto da nossa atuação sobre os indicadores socioeconômicos fluminenses.

A Conferência desafiou-nos a provar que somos capazes de promover ações eficazes para colocar nosso cooperativismo em posição de destaque no *ranking* nacional. Há muito o que ser feito e o trabalho integrado facilitará esse processo.

Destaco que nossa associação ao Sicredi, no Rio de Janeiro, permitiu-nos um portfólio mais abrangente de produtos e serviços. Passamos também a ter acesso às linhas de financiamento do BNDES, a repasses no âmbito do Sistema Financeiro de Habitação e fundos do governo federal.

A **CLICC 2020** deu-nos material suficiente para uma profunda reflexão sobre os rumos do cooperativismo de crédito no Rio de Janeiro. A escolha do temas e dos palestrantes esteve à altura dos desafios que enfrentaremos, nos próximos anos.

Temos muito trabalho pela frente. A Conferência reforçou nossa convicção sobre os benefícios da intercooperação. Temos capacidade e disposição para enfrentar as mudanças que garantirão nossa eficiência e participação cada vez maior no Sistema Financeiro Nacional. **;**





“É PRECISO SE CONSTRUIR
RAPIDAMENTE
CAMADAS DE PROTEÇÃO
CONTRA OS RISCOS
CIBERNÉTICOS.”

Agenda para superar desafios

JÁ ESTÁ MAIS QUE RECONHECIDA a importância do cooperativismo para a inclusão financeira, para a ampliação contínua da capilaridade dos serviços financeiros à população. Boas práticas, acompanhadas de uma agenda educacional, podem potencializar os resultados da política monetária, fazê-los chegar, de fato, a todas as faixas de renda. Podem criar um ambiente adequado para captação de poupança e melhoria da oferta de crédito.

A construção dessa agenda enfrenta os desafios do aumento da concorrência, gerados pela inovação tecnológica e pela política consistente de queda de juros. A realização da CLICC é um marco para a história do cooperativismo de crédito no Rio de Janeiro que sofreu alguns percalços, mas está sendo reerguido, a partir da atuação de suas lideranças.

É importante ir além da superação dos percalços porque os princípios que regem o cooperativismo contribuem muito para a geração de emprego e renda em todo o país. E é com foco nesses princípios que o Banco Central vem investindo, ao longo dos anos, tempo e esforço para a adequada regulação e supervisão do segmento, que já está no nível dos demais do setor financeiro.

Os números presentes do cooperativismo carioca e fluminense indicam crescimento. Em tal contexto, eventos como a CLICC Rio 2020 são importantes porque reuniu lideranças dos três principais sistemas que, unidos, podem optar, espero, cada qual em seu nicho, sempre pelas melhores práticas. Só assim ocuparão com eficiência o espaço esperado no setor. A CLICC será conhecida como um marco para a alavancagem do cooperativismo financeiro a partir de uma atuação mais ousada e integrada das lideranças do segmento.





SEGUNDO LEVANTAMENTO do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e da aceleradora de empresas de tecnologia Finnovista, divulgado em maio de 2017, o Brasil tem 230 das 703 *fintechs* em operação da América Latina. Elas operam em vários segmentos do mercado financeiro que vão desde bancos digitais até empresas de soluções de pagamento, educação financeira e gestão de finanças pessoais e empresariais.

Precisamos nos lembrar sempre que a geração Y, também chamada geração do milênio, é tecnológica. Ninguém quer mais ir à agência. Como estará o sistema financeiro nos próximos anos? Como enfrentar o risco associado à adoção crescente da tecnologia? Viemos nos preparando para enfrentar os riscos inerentes ao crédito. Foi possível fazer esta preparação. Mas os riscos cibernéticos acontecem num piscar de olhos. Como construir camadas de proteção contra eles? São perguntas que precisam ser respondidas na velocidade adequada.

Outro desafio é o de trabalhar em ambiente de taxas de juros baixas. Tenho convicção de que as lideranças cooperativistas saberão enfrentar com galhardia e profissionalismo o cenário que se descortina. O cooperativismo do Rio pode ser exemplo para todo o Brasil. Pode ocupar, de fato, o papel que dele se espera no desenvolvimento do estado e fazer diferença na economia regional e do país. ;



Na abertura da CLICC Rio 2020, os presidentes do Sicoob, Unicred, Sicredi e OCB RJ prestaram homenagem especial a Luiz Edson Feltrim, recém-aposentado da função de diretor administrativo do Banco Central, pela sua relevante contribuição à evolução do cooperativismo de crédito no Brasil.





SISTEMA FINANCEIRO E COOPERATIVISMO DE CRÉDITO

O momento é de virada

O PROFESSOR ALBERTO BORGES MATIAS, em palestra que constou da programação da CLICC Rio 2020, convidou as lideranças cooperativistas de crédito a participarem, de forma mais efetiva e organizada, do esforço conjunto de se repensar o Brasil.

Borges Matias apresentou um retrato atual e das tendências dos principais indicadores econômicos, destacando que a CLICC Rio 2020 estava acontecendo justamente em um momento em que o país aproxima-se de uma virada, depois de ter encontrado o fundo do poço. Ele ressaltou que é preciso espanar a poeira de ideias comprovadamente ultrapassadas e apostar em avanços que possam consolidar o crescimento do país.

A taxa de crescimento anual do Produto Interno Bruto (PIB) começa a se revigorar e pode ultrapassar 2,5% nos próximos anos. Passamos do declínio para a expansão lenta. O país precisa ser reconstruído e temos diante de nós desafios tecnológicos enormes. A superação desses desafios é indispensável ao aumento da taxa de investimento em relação ao PIB, que está estagnada.

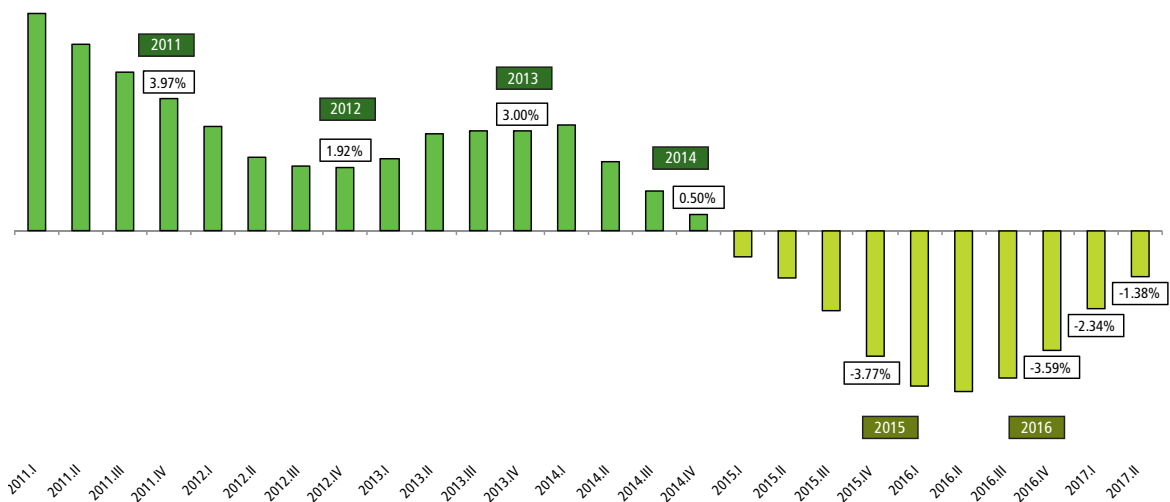
"A deterioração dos indicadores teve causas mais políticas que econômicas. Não precisamos da ajuda de ninguém para criar nossa própria recessão. Temos tal capacidade." Entretanto, dados já disponíveis mostram que há luz no fim do tunel e que aparentes problemas para a expansão do cooperativismo de crédito podem ser enfrentados com coragem e determinação, apostando-se em inovações, principalmente tecnológicas.

PAINEL 1 / Alberto Borges Matias / USP



PIB BRASILEIRO (Acumulado em 4 trimestres)

Depois de uma grande depressão, a economia dá sinais positivos





O professor Borges Matias alertou que a montagem de estratégias de negócios dos sistemas cooperativos de crédito passa pela reestruturação geral da economia brasileira.



"PRECISAMOS DE VISÃO de longo prazo, de trabalhar com orçamentos consistentes e aprovados em tempo hábil pelo Congresso Nacional. Precisamos organizar o caos das nossas contas públicas, mostrar que sabemos administrar a dívida interna. O mundo já demonstrou isso. Estamos na contramão do mundo. Além dos encargos da dívida, nossos gastos correntes vêm superando, nos últimos anos, as receitas. Já era para se ter arrumado isso."

O problema estaria muito mais no volume de pagamento de juros que propriamente nas despesas. Os gastos anuais com juros chegam a R\$ 350 bilhões, quando os relacionados à educação e saúde juntos não ultrapassam R\$ 200 bilhões. A necessidade de financiamento do setor público continua enorme. A curva de crescimento da dívida assusta e o problema está na área do governo federal. Ele considera que o endividamento dos estados não é elevado, assim como das estatais. "Há alguma coisa muito errada nisso e que precisa ser resolvida."





As cooperativas – disse Borges Matias – souberam ganhar nos anos mais difíceis e os bancos comerciais continuam restringindo o crédito às empresas. Se souberam atuar na crise, precisam também estar preparadas para os melhores tempos que se desenharam para a produção, consumo e exportação.

**"AS COOPERATIVAS,
SE SOUBERAM ATUAR
NA CRISE, PRECISAM TAMBÉM
ESTAR PREPARADAS PARA
OS MELHORES TEMPOS
QUE SE DESENHAM."**





PRODUTO INTERNO BRUTO - PIB (Variação percentual)

	2016	2017
 ÍNDIA	7,4	7,5
 CHINA	6,3	6,0
 ESTADOS UNIDOS	2,8	2,7
 REINO UNIDO	2,2	6,0
 CANADÁ	1,6	2,4
 ALEMANHA	1,5	1,5
 FRANÇA	1,4	1,6
 ITÁLIA	1,2	1,1
 JAPÃO	1,0	0,4
 BRASIL	-3,6	0,6



POR MEIO DE APLICATIVOS, as cooperativas podem estar mais perto dos cooperados, não só quando vão às agências. O atendimento *on-line* permite, inclusive, as necessárias negociações com os clientes e pode ser um dos pilares da expansão pretendida, em um contexto econômico que começa a ser mais favorável. Para isso, é preciso trabalho integrado dos sistemas que operam no segmento e parcerias com ofertantes de tecnologia.

Um dos problemas apontados é a queda da taxa básica de juros (Selic), decidida mensalmente pelo Banco Central e que sinaliza o que pode acontecer no mercado de tomada e oferta de crédito. A queda da Selic vai pegar as cooperativas de frente, vai limitar-lhes os ganhos de tesouraria. Mas o processo de queda é sem volta porque ainda é alta em comparação aos países mais desenvolvidos. Para o professor, a Selic já poderia estar em 3% ao ano.

A montagem de estratégias de negócios dos sistemas cooperativos de crédito passa pela reestruturação geral da economia brasileira. Não dá pra esperar tudo ficar resolvido porque há sempre uma defasagem entre a tomada das medidas e seus efeitos. O consumo já está se recuperando e as cooperativas precisam aproveitar a onda porque têm condições de aumentar com *funding* próprio as operações de crédito aos consumidores e empresas.

“É PRECISO TRABALHO INTEGRADO DOS SISTEMAS QUE OPERAM NO SEGMENTO E PARCERIAS COM OFERTANTES DE TECNOLOGIA.”





OS NÚMEROS demonstram que o volume de crédito concedido pelo segmento está muito abaixo das suas possibilidades. "A classe C, apesar dos recentes percalços nos níveis de emprego e renda, entrou no mercado para ficar, devemos aproveitar isso para contribuir no desenvolvimento do país."

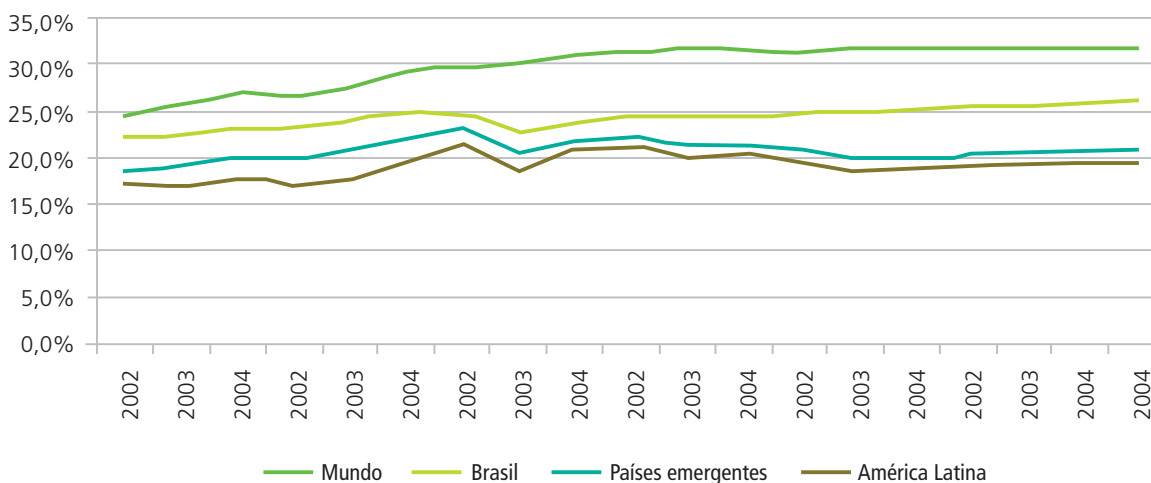
Borges defendeu ainda ideias polêmicas que podem acelerar o crescimento do PIB. Uma delas é a de que as cooperativas tenham acesso à parte dos depósitos compulsórios do sistema financeiro junto ao Banco Central, para ampliar suas operações de crédito.

Não se deve – segundo ele – temer o aumento da inadimplência porque dados comprovam que ela está mais ligada ao fluxo de caixa das famílias e empresas. Grande parte da inadimplência, mesmo na crise, não ultrapassa 16 dias. Outra proposta polêmica, mas que segundo Borges merece ser discutida: a utilização de parte das reservas internacionais para financiamento das exportações. O que traria também muitas oportunidades às cooperativas aptas ou que possam se habilitar a trabalhar na área de comércio exterior. ;

.....
"NÃO SE DEVE TEMER O AUMENTO DA INADIMPLÊNCIA PORQUE DADOS COMPROVAM QUE ELA ESTÁ MAIS LIGADA AO FLUXO DE CAIXA DAS FAMÍLIAS E EMPRESAS."

BAIXA TAXA DE INVESTIMENTO

Nos últimos 10 anos, a taxa de investimento do Brasil foi de aproximadamente 20,1% do PIB. Em contrapartida, o mundo investiu 24,5%, a América Latina 21,5% e os países emergentes 30,4%.





Um mar de oportunidades

PROBLEMAS PODEM SER VISTOS como oportunidades, como desafios capazes de desencadear fortes movimentos em favor da inclusão financeira, da sustentabilidade do cooperativismo de crédito e do desenvolvimento local e regional. Podem resultar em ações concretas, em avanços que o Brasil precisa em termos de competitividade econômica e de redução das desigualdades sociais e regionais.

Vejo em todo o Brasil, e especialmente no Rio de Janeiro, um mar de oportunidades para o cooperativismo de crédito. Um bom indicador disponível é que 90% dos brasileiros, registrados no cadastro de pessoas físicas da Receita Federal, têm algum relacionamento bancário. Um crescimento expressivo, comparando-se com os 72,8%, registrados em 2008. O processo de bancarização da população de menor renda avançou muito nos últimos anos.

Outro dado relevante: do total de CPFs com relacionamento bancário, apenas 34% acessam operações de crédito. Também levando-se em conta este universo, 60% usam as respectivas contas-correntes unicamente para recebimento de salários, aposentadorias, pensões ou algum tipo de transferência de recursos no âmbito de programas sociais. Interpreto tais dados positivamente. Temos um longo e promissor caminho a ser trilhado.

As cooperativas podem e devem mirar este contingente de pessoas físicas ou jurídicas com relacionamento bancário incipiente e com alguma disposição para melhorar a gestão de seus recursos financeiros. É um mercado potencial com a vantagem de já estar sensibilizado para acessar serviços e produtos financeiros diferenciados, capazes de fazer a diferença em termos de crescimento pessoal e empresarial, de maior segurança para si e familiares.

Outro fato relevante, conforme dados da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), é que 57% das transações bancárias são por meio da internet. O que nos faz refletir sobre como ampliar o alcance de nossas cooperativas combinando de forma inteligente novos pontos de atendimentos físico com as plataformas digitais. Não é futuro, não é ficção científica, está acontecendo.

A maior parte das transações financeiras já está se dando fora da rede física bancária. Fato que deve ser considerado pelas nossas lideranças cooperativistas. A aposta tem sido na ampliação da rede física, em processo vigoroso de expansão. A estratégia continua sendo correta. Há espaços territoriais a serem ocupados. Mas é importante perceber a necessidade de inovar, já que o mercado apresenta movimento forte para a digitalização cada vez maior do atendimento. O fato presente e que aponta para o futuro é que a cooperativa não precisa estar presente fisicamente em toda parte para prestar bons serviços aos seus cooperados.





O MAPA DO COOPERATIVISMO de crédito no Rio de Janeiro mostra que 40% dos municípios estão na área de cobertura presencial do segmento, quando a média nacional é de 45%. Portanto, vê-se que pelo critério territorial há oportunidades de expansão da rede de atendimento. Mas é preciso considerar, ao mesmo tempo, que o atendimento digital também oferece uma forma eficiente e econômica de acesso para os cooperados aos serviços de sua cooperativa onde quer que eles estejam. Com foco na expansão de cobertura, via presença física e digital, o cooperativismo estará bem cumprindo seu papel fundamental de produzir impactos positivos, inclusive em termos de ampliação da taxa de investimentos.

Insisto, os indicadores macroeconômicos mostram que o Brasil começa a superar o pessimismo que vinha sendo traduzido nos indicadores de atividade econômica. Uma

forma de se aproveitar este momento de virada é buscar estratégias com foco no próprio segmento e que podem dar resultados imediatos.

Os números disponíveis mostram que a ampliação da oferta de produtos e a necessária redução dos custos operacionais passam pela economia de escala e de escopo e temos todas as condições para trabalhar pelo crescimento da participação do cooperativismo de crédito no mercado financeiro, buscando os almejados dois dígitos de participação de mercado.

“UMA FORMA DE SE APROVEITAR ESTE MOMENTO DE VIRADA É BUSCAR ESTRATÉGIAS COM FOCO NO PRÓPRIO SEGMENTO E QUE PODEM DAR RESULTADOS IMEDIATOS.”

ATENDIMENTO DIGITAL APROFUNDA-SE E DIVERSIFICA-SE



90,4%

DOS CPFs
POSSUEM ALGUM
TIPO DE
RELACIONAMENTO
BANCÁRIO
(2008 = 72,4%)

34%

COM OPERAÇÕES
DE CRÉDITO

60%

APENAS CONTA-
CORRENTE
(SALÁRIOS
E PENSÕES)

57%

DAS
TRANSAÇÕES
BANCÁRIAS POR
MEIO DO MOBILE
E INTERNET
BANKING





Para Carlos Alberto dos Santos (Cosinergia), a intercooperação é um caminho para a adoção mais rápida, pelo segmento, das necessárias inovações tecnológicas.



SÃO 55 COOPERATIVAS DE CRÉDITO em todo o Rio de Janeiro, somando 88.151 cooperados, parte deles com pouco relacionamento com a sua cooperativa. Não seria hora de se ofertar uma cesta de produtos e serviços mais adequada, personalizada até, para esses associados?

A esta estratégia de crescer “por dentro” soma-se o enorme potencial representado pelos cooperados dos outros ramos.

Ao todo, no estado do Rio de Janeiro, são 464 cooperativas com mais de 162.796 mil associados. Ou seja, para cada associado de uma cooperativa de crédito existe mais um cooperado de outro ramo. Estamos buscando estes cooperativistas para as nossas cooperativas de crédito? Onde estas outras cooperativas movimentam os seus recursos financeiros?

O princípio da intercooperação se constrói com ações concretas!

Focar em associados das próprias cooperativas de crédito e de outros segmentos. Atuar mais junto aos já cooperados, antes mesmo de se pensar na abertura de novas agências e pontos de atendimento.

No horizonte, vemos o Banco Central trabalhando para a adoção de regras capazes de aproximarem progressivamente a atuação das cooperativas à dos bancos, o que exigirá um reforço na gestão de riscos e na governança cooperativa.

A intercooperação é também um caminho para a adoção mais rápida das necessárias inovações tecnológicas e melhoras práticas de gestão que, de forma continuada, vão produzir os resultados esperados. ;

.....

“À ESTRATÉGIA DE SE CRESCER POR DENTRO SOMA-SE O ENORME POTENCIAL REPRESENTADO PELOS COOPERADOS DE OUTROS RAMOS.”

.....



Aposta na expansão de agências ainda é necessária?

QUERO FAZER ALGUMAS PROVOCAÇÕES. Noto ainda uma certa tendência do cooperativismo de crédito expandir-se fisicamente. Acabo de chegar da Holanda e o RaboBank, o segundo grupo financeiro mais importante do país, passa por uma reestruturação que resultou na demissão de 12.500 funcionários e o fechamento de 400 agências. Aqui já aconteceu com o Bradesco, Banco do Brasil e Itaú. A conta de se expandir via presença física em cidades da capital ou interior vai chegar rápido às cooperativas.

A revolução digital não tem a ver com um novo momento da tecnologia, mas com um novo momento da sociedade. Já impactou os bancos e, certamente, mudará também nossa forma de pensar ações, de planejar estratégias. Questões que, ao meu ver, precisam ser discutidas: infraestrutura, segurança da informação, *marketing*, regulação, capacitação, produtos e serviços vinculados aos desafios impostos pela digitalização.

Outro ponto: precisamos pensar em termos de alavancagem do desenvolvimento local. Continuamos carreando recursos, investimentos para as grandes cidades e regiões metropolitanas, onde a concorrência com os bancos é maior. Além disso, temos muitos cooperados, mas qual o percentual deles é de fato cliente? No máximo 50% deles fazem negócios com a própria cooperativa. Os demais apenas nos representam custos. Estamos muito preocupados em ampliar nosso quadro de cooperados quando devíamos, ao mesmo tempo, trabalhar a base que já temos.

Precisamos também exercitar o princípio da intercooperação para baixar nossos custos operacionais à luz de novos desafios. Entre eles, a queda da taxa Selic. Estamos ainda excitando muito a concorrência territorial e nichos de negócios. A hora é de se trabalhar em conjunto para nos fortalecer e ampliar nossa participação no sistema financeiro.

Também destaco a necessidade de investimento contínuo na capacitação de nosso quadro de funcionários e dirigentes. Precisamos formar profissionais do mercado cooperativo para melhorar e ampliar nosso atendimento e nossa capacidade de oferecer produtos e serviços que realmente mudem a vida dos nossos clientes, de suas empresas e dos locais onde operam. ;

“É PRECISO TRABALHO INTEGRADO DOS SISTEMAS QUE OPERAM NO SEGMENTO E PARCERIAS COM OFERTANTES DE TECNOLOGIA.”

A conta da expansão via presença física em cidades da capital ou interior vai chegar rápido às cooperativas.





O apoio das cooperativas de crédito ao desenvolvimento local gera efeitos imediatos.


Precisamos trabalhar mais fortemente com empresas

A HORA É PROPÍCIA À AMPLIAÇÃO do cooperativismo de crédito fluminense. Não podemos falar em crise, quando, em 2016, nossas operações cresceram, em média, 40% em relação ao ano anterior.

O movimento de expansão no atendimento e da oferta de nossos produtos precisa partir de nós, de dentro dos sistemas que operam no estado. Precisamos trabalhar em parceria com entidades públicas e privadas interessadas no desenvolvimento local.

Devemos mirar as empresas de determinada cidade e região. O atendimento ao cooperado pessoa física é limitado, centrado quase que exclusivamente em saques e transferências do que é depositado como salário. Os bancos continuam retraindo o crédito para os setores produtivo, de comércio e de serviços. Empresários de todos os portes têm nos procurado. É hora de entrarmos para ficar neste espaço deixado pelos bancos.

Precisamos ainda estar presentes, de alguma forma, em muitos municípios. Precisamos cumprir nossa função de transformadores da realidade econômica e social. Maricá é um deles. Quer se tornar uma cidade cooperativista. O Sicoob Fluminense pretende atuar ali com impacto mais abrangente. A cidade tem distritos, como Itaipuaçu, Inoã e São José, com atividades econômicas relevantes e completamente desprovidos de agências bancárias.

Muito do que foi dito, durante a CLICC Rio 2020, interpreto como um "puxão de orelhas" bem dado. Há muitas cooperativas conformadas com o seu dia a dia. Satisfeitas com os resultados que apresentam sem muita ou qualquer preocupação com o que possa lhes acontecer no futuro. Sem planejar uma linha de atuação mais forte, mais determinada, focada em mudanças na qualidade de vida da população. É disso que eu falo. 

"PRECISAMOS CUMPRIR
NOSSA FUNÇÃO DE
TRANSFORMADORES
DA REALIDADE ECONÔMICA
E SOCIAL."



A REVOLUÇÃO DIGITAL E O FUTURO DOS BANCOS

Mudanças afetam todos os setores

ESTAMOS DIANTE de um cenário desafiador, o da transição do mundo analógico para o digital. E o problema pode ser visto através de três óticas. Dentro da caixa, a partir da nossa própria experiência. Fora da caixa, mas ainda tendo como referência, e sem a caixa.

Estamos já vivenciando a sociedade digital. Metade da população mundial está de alguma maneira conectada. Dentro de dez anos, o mundo todo estará conectado.

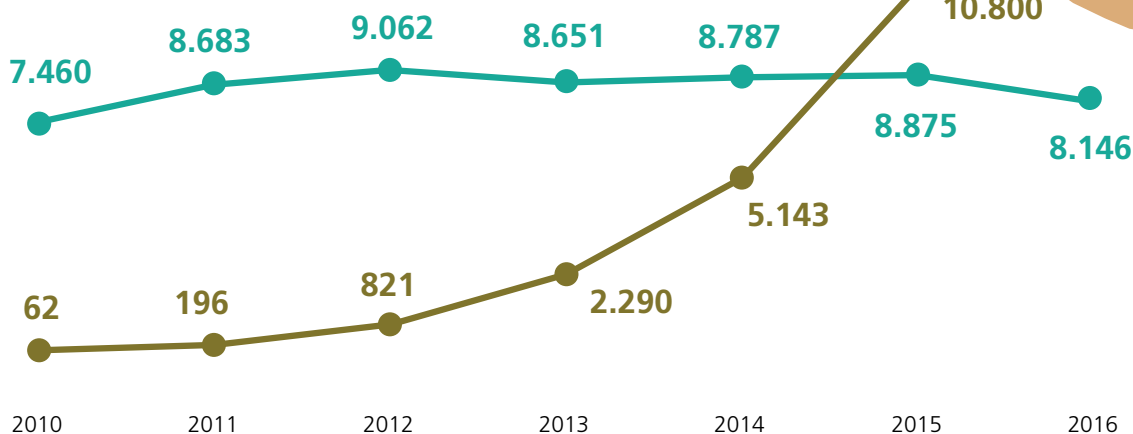
O grande marco dessa transformação aconteceu em 2007 com o aparecimento do *wifi*, a possibilidade de se acessar a internet sem fio. Uma grande mudança de parâmetros. Basta lembrar que a primeira transação comercial eletrônica aconteceu em 1994. Nosso celular contém um poder computacional inimaginável há três décadas.

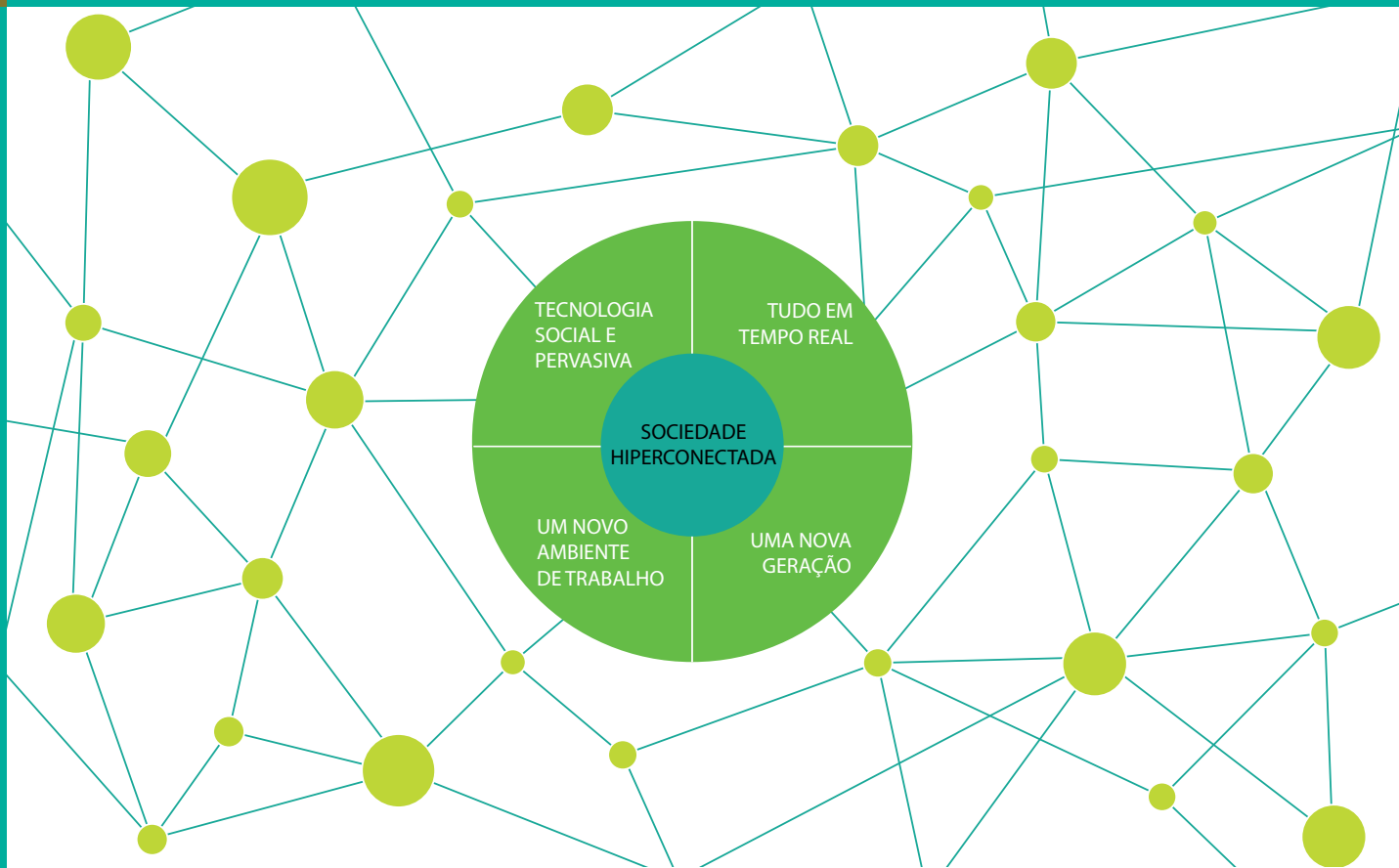
As mudanças se aceleram. Está no horizonte o desaparecimento, nos próximos anos, de 40% das 500 maiores e sólidas empresas do *ranking* mundial. O processo acelerado de mudanças provoca desconforto, instabilidade. Os dados são dramáticos.

Os próximos anos serão ainda mais radicais em termos de mudanças. Nos últimos três anos, houve mais mudanças que nos 50 anos que os antecederam, tendo como marco inicial a ida do homem à Lua. E a aceleração continuará exponencialmente.



NÚMEROS DE TRANSAÇÕES FEITAS POR CELULAR E EM AGÊNCIAS BANCÁRIAS (EM MILHÕES)





ESTAMOS VIVENCIANDO a passagem da velha para a nova economia. Nossos modelos negociais estão sendo destruídos. Estávamos acostumados a pensar setorialmente e as fronteiras entre os setores estão desmoronando. Carreiras, profissões estão desaparecendo. Modelos educacionais estão ultrapassados. Nossa maneira de pensar, tudo isso está ruindo. Tudo está em xeque.

As mudanças afetam todos os setores. Nada está a salvo. Mesmo os que se sentem de alguma maneira a salvo, podem ser tragados pela concorrência amanhã, no futuro imediato, e ela vem do desconhecido. Não vem do próprio setor, do seu vizinho.

O WhatsApp, aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smartphones*, não foi criado por operadoras telefônicas. O Airbnb, serviço de reserva de acomodações e meios de hospedagem, não foi criado dentro do setor hoteleiro. E nem o Uber foi criado por centrais de táxis.

A concorrência vinda das *startups* é aleatória. Vem de onde menos se espera. A Amazon começou pequena e hoje vale mais que todas as grandes redes de varejo somadas. Começou no varejo *on-line* e hoje é provedora de tecnologia e avança para outros setores. A Tesla, fabricante de carros elétricos, que pode ser considerada nova no mercado, já tem valor igual ao da General Motors e maior que o da Ford.

.....
**“A CONCORRÊNCIA
 VINDA DAS *STARTUPS*
 É ALEATÓRIA. VEM DE ONDE
 MENOS SE ESPERA.”**





O CENÁRIO PARA OS NEGÓCIOS É VOLÁTIL, incerto, complexo e ambíguo. E isso é apenas a ponta do *iceberg* e está acontecendo no mundo inteiro. O modelo atual está entrando em colapso. Negócios que pareciam impossíveis estão surgindo. Todos os setores estão sujeitos ao fenômeno da disrupção que é a interrupção do curso normal de um processo.

O planejamento à moda antiga, passo a passo, sujeito a imprevistos, mas dentro das regras do jogo, não mais resiste à aceleração digital que é exponencial. As transformações estão sustentadas pela tecnologia que produz conexão, interação. Antes éramos apenas consumidores de informações. Agora também podemos produzi-las e compartilhá-las. Posso

levar meu escritório às costas. Podemos trabalhar em qualquer lugar. Escritórios físicos esvaziam-se, tornam-se menores.

A nova geração é digital, nasceu tendo como pano de fundo o *smartphone*. Isso é muito diferente de se migrar de um mundo analógico para o digital. Isso provoca novas maneiras de se pensar. Não se trata de trazer a nova geração para o nosso mundo, mas de tentar entrar no mundo deles. Ter *wifi* em quarto de hotel é tão indispensável quanto

ter banheiro. O mundo virtual e real misturaram-se. Não se trata de estabelecer pontes entre um e outro porque não estão mais separados.

Um dos fenômenos da digitalização é a desmaterialização das coisas, o que reduz seus custos e as democratiza. Um mesmo dispositivo pode conter telefone, câmera fotográfica, filmadora, GPS e uma variedade enorme de aplicativos. As mudanças desta era tecnológica não vêm mais em ondas que se sucedem. Vêm na forma de avalanches e os sinais de alerta são constatantes para quem produz bens e serviços. Não se trata mais de adotar esta ou aquela plataforma digital e descansar. O próximo passo já deve estar sinalizado no passo presente.

Transformação digital significa mudar o jeito de pensar as empresas não só financeiras, mas de qualquer ramo. A robótica e a digitalização estão impondo mudanças radicais. O custo de mão de obra pode se reduzir de tal forma que muitas empresas estão trazendo suas plantas de produção de volta para os respectivos países de origem.

Diante deste cenário instável, em constante mutação, precisamos navegar na mesma velocidade da correnteza ou ainda mais rápido que ela. Precisamos ser capazes de dar vários passos de uma só vez, incorporar rapidamente as necessárias inovações. Quem andar mais lento vai capotar, naufragar. ;

“O MUNDO VIRTUAL E REAL MISTURARAM-SE. NÃO SE TRATA DE SE ESTABELECEM PONTES ENTRE UM E OUTRO PORQUE NÃO ESTÃO MAIS SEPARADOS.”



As *fintechs* são o futuro

NO PRIMEIRO MOMENTO, as *fintechs* foram vistas como ameaça aos bancos. Mas, na verdade, mostraram-se caminhos de oportunidades. Forçaram os bancos a acelerar o processo de inovação.

Há dois anos, investimos em nosso *home banking* e registramos grandes avanços. Agora nos aproximamos das *fintechs* que apresentam, como grande diferencial, o foco em problemas específicos, na prestação de determinados serviços.

As *fintechs* aceleram o processo de inovação porque estão dispostas a assumir riscos. São implementadas por pessoas entre 30 e 34 anos, já com experiência no mercado de *startups*. Pessoas com clara noção das necessidades e exigências do mercado, que enfrentam a regulamentação em vigor, forçando positivamente alterações na mesma.

O Banco Central está atento, já colocou a regulamentação das *fintechs* em consulta pública, que inclui, entre outros pontos, empréstimos entre pessoas a partir de capital próprio ou no âmbito dos fundos de investimentos. As operações de crédito estão limitadas a R\$ 50 mil, mas é só o começo.

Nós do cooperativismo de crédito precisamos nos preocupar com as mudanças propiciadas pelas *fintechs* porque mostram que podem limitar ou mesmo acabar com a intermediação financeira, nos moldes em vigor. Passaram a atuar também na área de certificação digital, o que pode tornar os cartórios obsoletos. Outra inovação: compartilhamento dos dados cadastrais dos clientes, entre os bancos.

Na China, na área de pagamentos, por exemplo, os mais jovens já começaram utilizando-se diretamente de aplicativos para este fim. Um fenômeno semelhante ao que ocorreu no Brasil com a classe C que pulou o uso de *notebooks* para os celulares de múltiplas funções.

As *fintechs* representam um mundo de oportunidades de possibilidades. Por isso, estamos trabalhando com *startups* integrantes ou não de nossas cooperativas, Disponibilizamos para elas um espaço de trabalho de 150 metros quadrados. Trata-se de uma Plataforma Space onde podemos interagir com desenvolvedores de tecnologia e nos antecipar às inovações. As *startups* dedicadas à digitalização do sistema financeiro deixam, assim, de ser nossos concorrentes e tornam-se uma espécie de sócios. Precisamos trabalhar cada vez mais próximos de quem fornece a tecnologia que precisamos.





Foco no consumidor e nas pequenas e médias empresas

FINTECH (FINANCE AND TECHNOLOGY) é o termo utilizado para as inovações e o uso de novas tecnologias por empresas do setor financeiro. São plataformas que, principalmente, via *smartphones*, tornam o acesso a serviços financeiros e bancários mais fácil à população.

O termo engloba tanto *startups* quanto companhias financeiras já estabelecidas no mercado que procuram substituir ou melhorar seus serviços com soluções inovadoras. Começaram a aparecer em 2008 como alternativa aos bancos e seguradoras, logo após o estouro da crise financeira global.

As *fintechs* estão mudando o mundo financeiro. Cada vez mais os grandes bancos estão atentos a este movimento. O motivo: há estimativas de que parte significativa das receitas do setor financeiro pode ser transferida ao segmento dessas *startups*.

O uso da tecnologia pode automatizar a indústria de seguros, *day trading* e gerenciamento de riscos financeiros. Em 2016, as *fintechs* representaram uma revolução para o mercado. Em 2017, passaram a se consolidar, inclusive no Brasil, focando em novas e diversas oportunidades ainda pouco exploradas.





NÃO SÓ O CONSUMIDOR FINAL está podendo contar com serviços ágeis, transparentes e de qualidade oferecidos pelas *fintechs*. Em 2016, algumas já trabalharam a incorporação de tecnologias por parte das pequenas e médias empresas. Em 2017, este movimento teve continuidade em áreas de gestão de assinaturas e cobranças. A tendência é um foco cada vez maior no segmento. Plataformas digitais na área de pagamentos e cobranças são poderosos instrumentos para a redução da inadimplência dos clientes. Na área de crédito, permitem operações mais rápidas e menos custos.

ALGUMAS FINTECHS JÁ EM OPERAÇÃO



GuiaBolso
aplicativo gratuito de
gestão financeira.



RecargaPay
aplicativo para pagamento
de contas e recargas pelo
smartphone.



Vindi
plataforma referência em
pagamentos.



Acesso
emissora independente de
cartões pré-pagos.



Bom pra Crédito
marketplace de crédito ao
consumidor.



Avante
soluções financeiras para
microempreendedores
como microcrédito.



Creditas
(ex-BankFácil)
oferece empréstimos
pela internet.



Konduto
tecnologia contra
fraudes em transações
on-line.



Nibo
plataforma *on-line* de
controle financeiro.



Asaas
fornece a solução
completa para gestão
de pagamentos
e cobranças.





Blockchain, poder de inovação

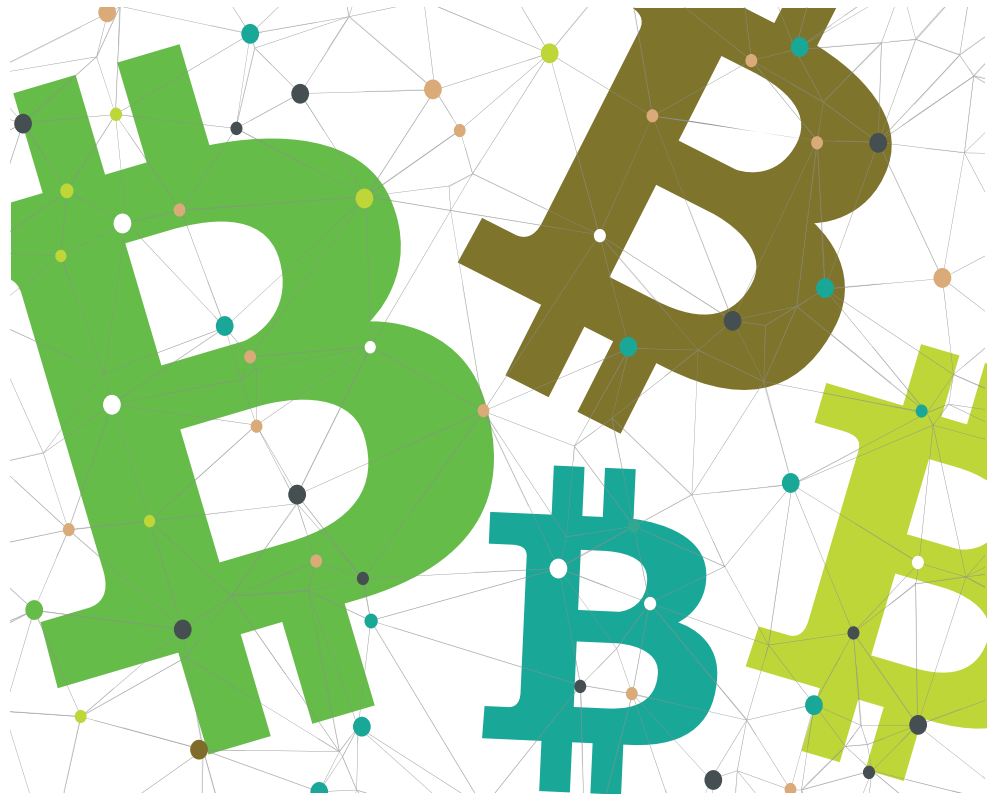
O potencial inovador do *blockchain* para a criação de serviços financeiro é enorme. No final de 2016, a Federação Brasileira de Bancos (Febraban) criou um comitê para provar a viabilidade desta tecnologia aplicada a um nicho de oportunidades de desenvolvimento de modelos de negócios inovadores.

O Comitê de Inovação da Febraban é formado pelos bancos do Brasil, Bancoob, Banrisul, Bradesco, BTG Pactual, Caixa, Citibank, Itaú Unibanco, JP Morgan, Safra, Santander, Sicoob e pela CIP, B3 e Banco Central. Os estudos em curso já permitiram a primeira prova de conceito do uso de tecnologia de *blockchain* entre bancos brasileiros, envolvendo o Bradesco, Banco Itaú e a B3: o compartilhamento do cadastro de clientes entre as três instituições.

Uma prova de conceito, identificada comumente como PoC (*Proof of Concept*) mostra, por meio de um modelo, a teoria em funcionamento. No modelo PoC apresentado, a instituição financeira registra os dados, com autorização do cliente, em um ambiente distribuído e pode optar por compartilhar as informações com um, vários ou todos os participantes da plataforma, diferente do modelo atual de banco de dados centralizado.


O *blockchain* pode trazer grande eficiência ao sistema financeiro ao eliminar processos de conciliação, propiciando redução de custos, transparência para os órgãos reguladores, diminuição das operações de liquidação, entre outros benefícios.





Criptomoedas vieram pra ficar

O que vai acontecer em termos de regulamentação das moedas virtuais ainda é uma incógnita. Mas a *bitcoin*, criada em 2009 fora do sistema financeiro tradicional, já é realidade como investimento e aceita como meio de pagamento em países como o Japão. Isso apesar dos alertas feitos pelos bancos centrais de todo o mundo.

Prova disso, é que uma moeda digital vem aí por iniciativa de seis grandes bancos de atuação global: Barclays, Credit Suisse, HSBC, Canadian Imperial Bank of Commerce, MUFG e State Street. A nova moeda, nos moldes da *bitcoin*, deve ser lançada no final de 2018, para liquidar transações financeiras pela tecnologia *blockchain*. 

"AS FINTECHS SÃO UMA REALIDADE, JÁ NÃO PODEMOS VÊ-LAS COMO CONCORRENTES, MAS BUSCAR PARCERIAS PARA SURFARMOS JUNTOS ESSA ONDA. VEMOS AS CRIPTOMOEDAS TAMBÉM CRESCENDO EXPONENCIALMENTE. A PARTIR DAS CRIPTOMEDAS SURTIU O *BLOCKCHAIN* QUE, AO PERMITIR O REGISTRO SEGURO DAS TRANSAÇÕES FINANCEIRAS E DE CONTRATOS DE TODA NATUREZA, ABRIU UM MUNDO DE OPORTUNIDADES. A CLICC 2020 PROVOCA-NOS A SAIR DA NOSSA ZONA DE CONFORTO. NÓS DOS SISTEMAS COOPERATIVOS DE CRÉDITO PRECISAMOS TRAÇAR ESTRATÉGIAS DE INSERÇÃO NESTE CENÁRIO QUE SE DESENHA."

LINCOLN LOH/SICREDI





CLICC

CONFERÊNCIA
DAS LIDERANÇAS
DO COOPERATIVISMO
DE CRÉDITO

RIO 2020

SICOOB, **UNICRED** e **SICRED** caminham para estabelecer estratégias conjuntas que resultem em boas práticas, cada sistema em seu nicho, capazes de superar desafios impostos pela adoção cada vez mais veloz da inovação tecnológica e pelo cenário de queda constante das taxas de juros, dois fatores acirrados da concorrência.





COOPERATIVISMO DE CRÉDITO: EVOLUÇÃO DO MARCO REGULATÓRIO

Agenda BC+ é fundamental para o crescimento do país

EM PALESTRA DURANTE CLICC Rio 2020, o representante do Banco Central, João André Pereira, destacou a implementação da agenda de trabalho da instituição que tem como objetivo revisar questões estruturais tanto do órgão regulador quanto do Sistema Financeiro Nacional (SFN), gerando benefícios sustentáveis para a sociedade brasileira.



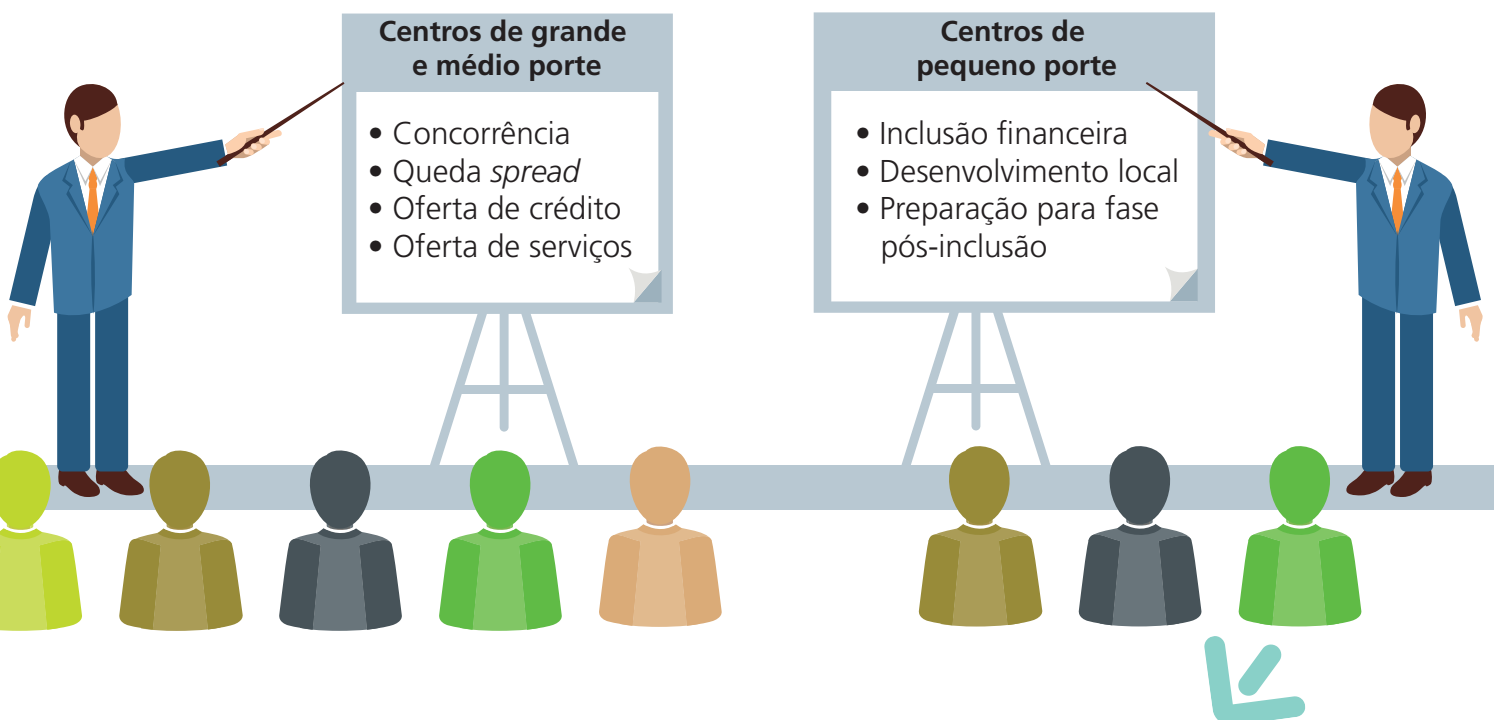
Ao tornar pública sua agenda de trabalho, o Banco Central presta conta de ações desenvolvidas no curto, no médio e no longo prazo. A agenda é dinâmica, e poderá ser complementada e aperfeiçoada até dezembro de 2018. Está estruturada em quatro pilares temáticos: MAIS CIDADANIA FINANCEIRA, LEGISLAÇÃO MAIS MODERNA, SISTEMA FINANCEIRO MAIS EFICIENTE e CRÉDITO MAIS BARATO.

Toda a agenda tem como princípio a promoção da capilaridade da prestação dos serviços financeiros e do maior volume de transações financeiras com destaque para a concessão do crédito de forma mais ágil e barata, tendo em vista sua importância para a aceleração de um crescimento econômico que traga em seu bojo variáveis positivas em termos de indicadores sociais.

Objetivos em linha com os dos sistemas cooperativos de crédito. Para isso, é intenção da autoridade monetária manter relacionamento estreito com as lideranças do segmento.

PAINEI 3 / João André Calvino Marques Pereira / Banco Central

PAPEL DAS COOPERATIVAS NO SISTEMA FINANCEIRO NACIONAL





“O BC TEM EXERCITADO UM PAPEL DINÂMICO E COLABORATIVO NO QUE SE REFERE ÀS NORMAS PARA O COOPERATIVISMO DE CRÉDITO. O ARCABOUÇO LEGAL EM VIGOR E AS MUDANÇAS QUE ESTÃO SENDO DISCUTIDAS FAVORECEM NOSSO CRESCIMENTO. IMPULSIONAM NOSSAS AÇÕES EM AMBIENTE DE RESPONSABILIDADE E SEGURANÇA DE DADOS, QUE É UMA PREOCUPAÇÃO MUNDIAL.”

DAYSE CARVALHO DE FREITAS/UNICRED



“Estamos organizados para conduzir todas as discussões necessárias aos avanços na regulamentação do SFN e principalmente as relacionadas à digitalização do mercado financeiro que, além de afetarem diretamente as cooperativas, apresentam crescimento exponencial” - ressaltou João André. Entre os avanços em pauta estão a regulamentação dos aplicativos relacionados às transações com a devida segurança contra fraudes e ataques cibernéticos.

PILARES DA AGENDA BC MAIS

Mais Cidadania Financeira

AUMENTAR O NÍVEL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA; AMPLIAR A INCLUSÃO FINANCEIRA DA POPULAÇÃO; PROPORCIONAR MAIOR PROTEÇÃO AO CIDADÃO CONSUMIDOR DE PRODUTOS E DE SERVIÇOS FINANCEIROS; MELHORAR A COMUNICAÇÃO E A TRANSPARÊNCIA ENTRE AS INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS E SEUS CLIENTES; MENSURAR O IMPACTO DAS AÇÕES DO BC, SOB A PERSPECTIVA DA CIDADANIA FINANCEIRA.

Legislação mais Moderna

ESTABELECEER A AUTONOMIA TÉCNICA E OPERACIONAL; FORTALECER O AMBIENTE INSTITUCIONAL PARA MANUTENÇÃO DA ESTABILIDADE FINANCEIRA; MODERNIZAR LEIS E NORMAS QUE REGEM A ATUAÇÃO DO BC; APRIMORAR O MODELO DE RELACIONAMENTO DO BC COM O TESOUREIRO NACIONAL; ALINHAR O ARCABOUÇO NORMATIVO ÀS MELHORES PRÁTICAS INTERNACIONAIS; PROPORCIONAR UMA MAIOR SEGURANÇA JURÍDICA ÀS ATRIBUIÇÕES DO BC.

SFN mais Eficiente

FOMENTAR O CRESCIMENTO SUSTENTÁVEL DO SFN; SIMPLIFICAR OS PROCEDIMENTOS E REGRAS DO BC, ADEQUANDO-OS AO PORTE E AO PERFIL DAS INSTITUIÇÕES; MANTER A ADEQUAÇÃO, O ALINHAMENTO E A CONVERGÊNCIA A PADRÕES INTERNACIONAIS; ANALISAR NOVOS MEIOS DE PAGAMENTO; MONITORAR OS IMPACTOS DAS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS; REDUZIR O CUSTO DE OBSERVÂNCIA; APRIMORAR O RELACIONAMENTO DAS INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS COM CLIENTES E USUÁRIOS.

Crédito mais Barato

DIMINUIR O CUSTO DO CRÉDITO PARA O TOMADOR FINAL; REDUZIR O NÍVEL DE INADIMPLÊNCIA; AUMENTAR A COMPETITIVIDADE E A FLEXIBILIDADE NA CONCESSÃO DE CRÉDITO; ESTIMULAR A ALOCAÇÃO MAIS EFICIENTE DO CRÉDITO; REVER A OPERACIONALIZAÇÃO DO COMPULSÓRIO.





A **Agenda BC+** prevê outros pontos importantes como a revisão do sistema de depósitos compulsórios, o que pode alcançar percentuais e destinação, pleito do sistema financeiro e mais fortemente do cooperativismo. Outro é o monitoramento dos impactos das inovações tecnológicas.

O representante do BC também destacou a necessidade das cooperativas adequarem-se rapidamente às novas regras para o processo de sucessão de seus dirigentes, para dar maior solidez, representatividade e continuidade às suas operações e relacionamento com o órgão regulador. “Os benefícios de se definir uma política de sucessão são claríssimos” – concluiu. ;

“QUERO DESTACAR COMO CASE A NOSSA COOPERATIVA EM TERMOS DE GOVERNANÇA. JÁ ESTAMOS NOS ADAPTANDO ÀS NOVAS REGRAS QUE SEPARAM CONSELHO E DIRETORIA ADMINISTRATIVA. O BOM É QUE ELAS SÃO CLARAS QUANTO A ESTE SISTEMA DE GOVERNANÇA DUAL, TRAZENDO MAIS SEGURANÇA AO FUNCIONAMENTO DAS COOPERATIVAS ABERTAS.”

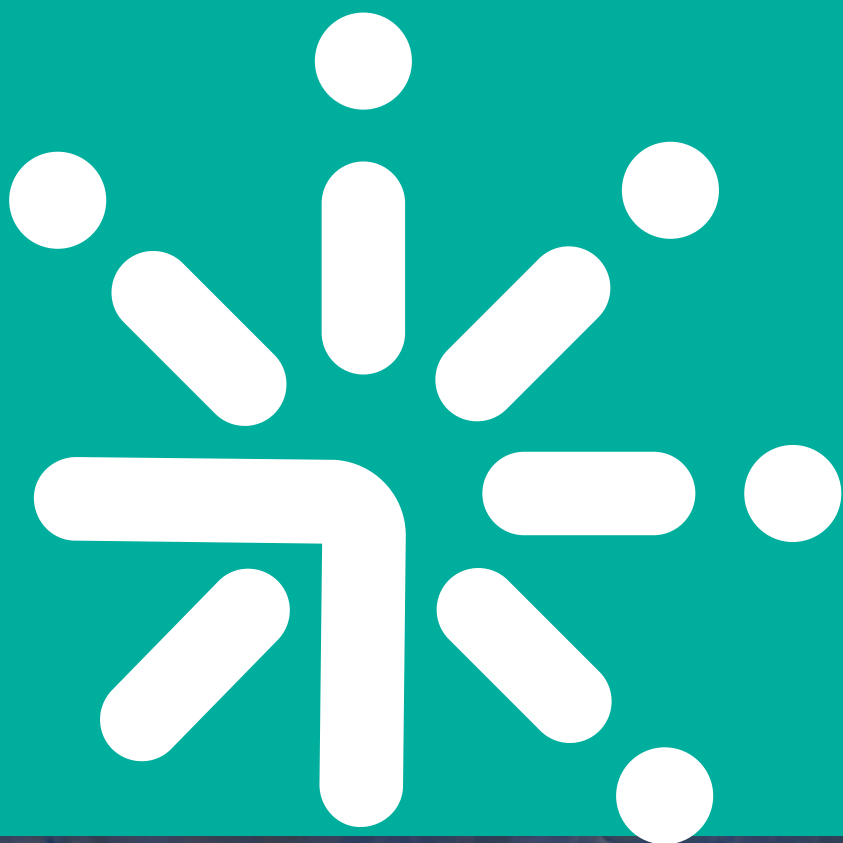
FRANCISCO CARLOS BEZERRA/SICOOB CECREMEF



“AS MUDANÇAS NO MARCO REGULATÓRIO, TANTO AS JÁ FORMALIZADAS QUANTO AS AINDA EM ESTUDO, CONTRIBUEM PARA A TRANSPARÊNCIA E BOM FUNCIONAMENTO DO SISTEMA COOPERATIVO DE CRÉDITO. DÃO-NOS CREDIBILIDADE NO MERCADO E SEGURANÇA AO COOPERADO. MUITAS INOVAÇÕES EXIGEM SACRIFÍCIOS, MAS O RESULTADO TEM SIDO A AMPLIAÇÃO VIGOROSA DO NOSSO QUADRO SOCIAL. SÃO MUDANÇAS INDUTORAS DE BOAS PRÁTICAS E AFINADAS COM O NOSSO IDEÁRIO E O DO BANCO CENTRAL DE PROMOVER A INCLUSÃO FINANCEIRA, DE DAR MAIOR CAPILARIDADE AOS PRODUTOS E SERVIÇOS QUE PRESTAMOS.”

JORGE FARHAT / SICREDI





CLICC

CONFERÊNCIA
DAS LIDERANÇAS
DO COOPERATIVISMO
DE CRÉDITO

RIO 2020



O cooperativismo de crédito cresceu nos últimos anos de crise.
O cenário muda para melhor e a hora é de se aproveitar
as oportunidades que se descortinam.





O PERFIL SOCIOECONÔMICO DA POPULAÇÃO FLUMINENSE, TENDÊNCIAS E EVOLUÇÃO

Nossos desafios não são triviais

É **PRECISO ATENÇÃO** aos indicadores socioeconômicos presentes e futuros para se ter um planejamento estratégico consistente, principalmente diante de cenários ainda voláteis. O Brasil viu o fundo do poço, mas as coisas começam a melhorar. O Rio de Janeiro é um estado muito diverso quando focamos a atividade econômica em geral ou questões específicas como renda e emprego, distribuição da oferta de crédito ou da população por faixa etária..

São questões que devem ser levadas em conta em qualquer planejamento, principalmente das cooperativas de crédito que têm um papel fundamental em ações de inclusão financeira e de promoção do desenvolvimento local. Precisamos acompanhar as mudanças estruturais que certamente acontecerão no Brasil. Uma delas é a Reforma da Previdência. Precisamos reconhecer os avanços ocorridos nos últimos anos, os desvios que resultaram, a partir de 2014, na interrupção desses avanços, e olhar para frente. Só assim estabeleceremos bons planos de voo.



PAINEL 4 / Marcelo Neri / FGV

Estivemos à beira do precipício, mas foi longo o período de ascensão que precedeu a queda. Então, regredimos para 2013, não para 2003 ou 2006. O Brasil observou grande transformação social, comparando-se ao início da década de 90, quando éramos a África de hoje. Dos nossos 5.500 municípios, 85% apresentavam Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) muito baixo. Atualmente, não ultrapassam 6% do total.

Foi grande o avanço social alcançado desde a Constituição de 1988. Porém, não aconteceu acompanhado de transformações econômicas importantes. A maior parte desse ganho (70%) veio da educação que, contraditoriamente, ainda apresenta um quadro bastante questionável.

Variação PIB

2016: **-3,60%**
2017: **+0,73%**
2018: **+2,58%**

Fonte: Focus - 24/11/2017

“O AUMENTO DA EXPECTATIVA DE VIDA DA POPULAÇÃO FEZ OS GASTOS PREVIDENCIÁRIOS CRESCEREM 480% EM 50 ANOS.”

“BASE DE DADOS CONFIÁVEL E ATUALIZADA AJUDA-NOS A CONSTRUIR E DIRECIONAR ESTRATÉGIAS DE EXPANSÃO E DE MONITORAMENTO DE MERCADO.”





OS AVANÇOS OBTIDOS não se refletiram em maior produtividade da economia, nem em melhoria dos nossos fundamentos fiscais. Precisamos alinhar o social ao econômico. Ao mesmo tempo, a ênfase ao necessário ajuste das contas públicas, não pode desconsiderar o social. Nossos desafios não são triviais. A cada triênio, a expectativa de vida da população aumenta um ano.

Entre 2003 e 2014, o estoque de crédito passou de 34% do produto interno bruto (PIB). No pós-crise de 2008 estava em 25%. Em 2015 apresentou evolução negativa, mas agora tende a crescer novamente. O problema não é tanto a quantidade do crédito disponível, mas de qualidade. O crédito ainda é caro, de curto prazo e concentrado em consumidores de renda mais alta e grandes empresas.

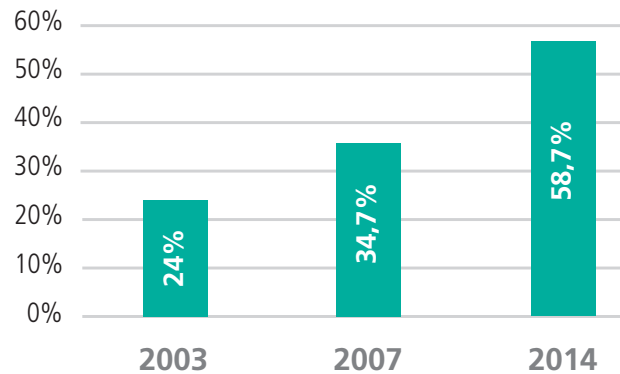
A falta da qualidade de crédito, que era crônica, tornou-se crítica. Os altos *spreads* e inadimplência levaram, nos últimos dois anos, à deterioração observada. Agora, com a queda da taxa Selic e da inflação, isso começa a se reverter.

No Rio de Janeiro, a situação é semelhante à nacional: o crédito não chega à base da produção, o que é uma janela de oportunidade para as cooperativas. O mapa carioca e fluminense da oferta de crédito tem várias camadas. A de microcrédito urbano é maior no interior. Na capital, é maior em Copacabana e Barra do que na Rocinha ou Complexo do Alemão.

É importante ver a distribuição espacial do crédito e do microcrédito para o estabelecimento de ações visando sua expansão quantitativa e qualitativa. É preciso reconhecer a face humana dos demandantes de produtos financeiros para se pensar corretamente ações de comunicação e de definição de mercado.

Uma base de dados confiável e atualizada ajuda-nos a construir e direcionar estratégias de expansão e de monitoramento de mercado. Precisamos olhar para os atributos dos consumidores e para as questões geográficas. Os pequenos negócios, por exemplo, são mais fortes na Barra, Copacabana e Botafogo, bairros de maior renda.

EVOLUÇÃO DA OFERTA DE CRÉDITO



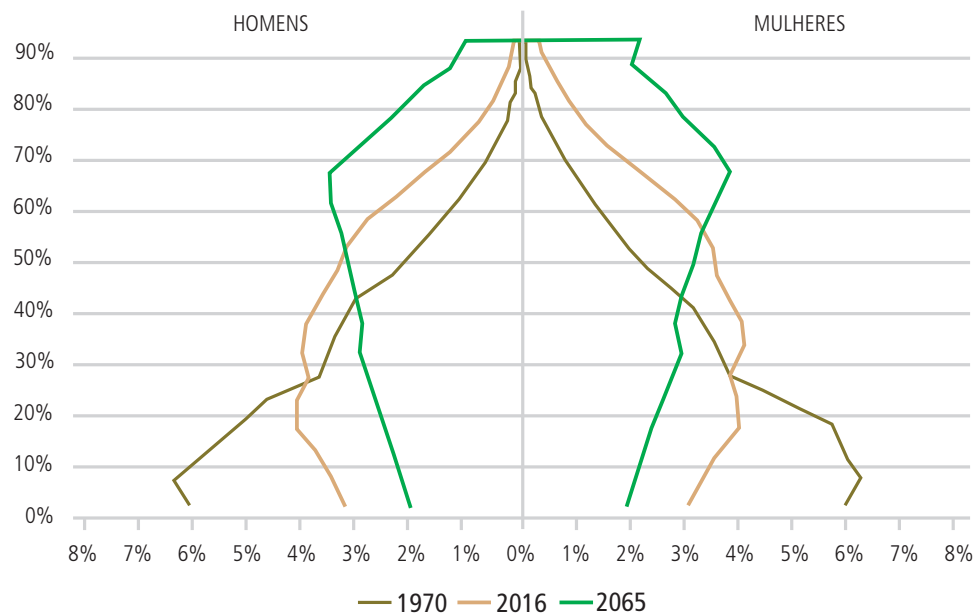
“OS DADOS APRESENTADOS POR MARCELO NERI SÃO UM RETRATO PODEROSO DOS DESAFIOS E DAS POSSIBILIDADES QUE PRECISAMOS FOCAR NO DESENHO DE ESTRATÉGIAS PARA EXPANSÃO DE NOSSOS PRODUTOS E SERVIÇOS. NÓS TEMOS COOPERATIVAS COM BASTANTE LIQUIDEZ. PRECISAMOS MOVIMENTAR TAIS RECURSOS EM FAVOR DE UM MAIOR DESENVOLVIMENTO DO NOSSO ESTADO.”

MARY VIRGÍNIA NORTHRUP / SICOOB CENTRAL RIO





TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA – RIO DE JANEIRO



QUANDO SE PENSA NO RIO, logo vem-nos a imagem de jovens bronzeados. Na verdade, somos um lugar de idosos bronzeados. O segundo do país. O primeiro é o Rio Grande do Sul. Dois estados com problemas fiscais sérios, o que não é mera coincidência. Favelas têm alta concentração de jovens. Copacabana é a Meca dos idosos. Nossa população idosa cresce mais que a média nacional.

O Japão, atualmente, detém a maior taxa do mundo, 30% do total. Mas, enquanto o Japão gasta 10% de seu PIB com a Previdência Social focada em um universo três vezes e meio maior que o nosso, o Brasil gasta 13%. Em 2055, a população idosa de Copacabana chegará a 51% do total, um crescimento de 480% em 50 anos. A do Japão também crescerá, mas menos, e atingirá 40,1%.

É preciso pensar produtos para o segmento, sempre levando-se em conta a distribuição espacial da população por faixa etária.

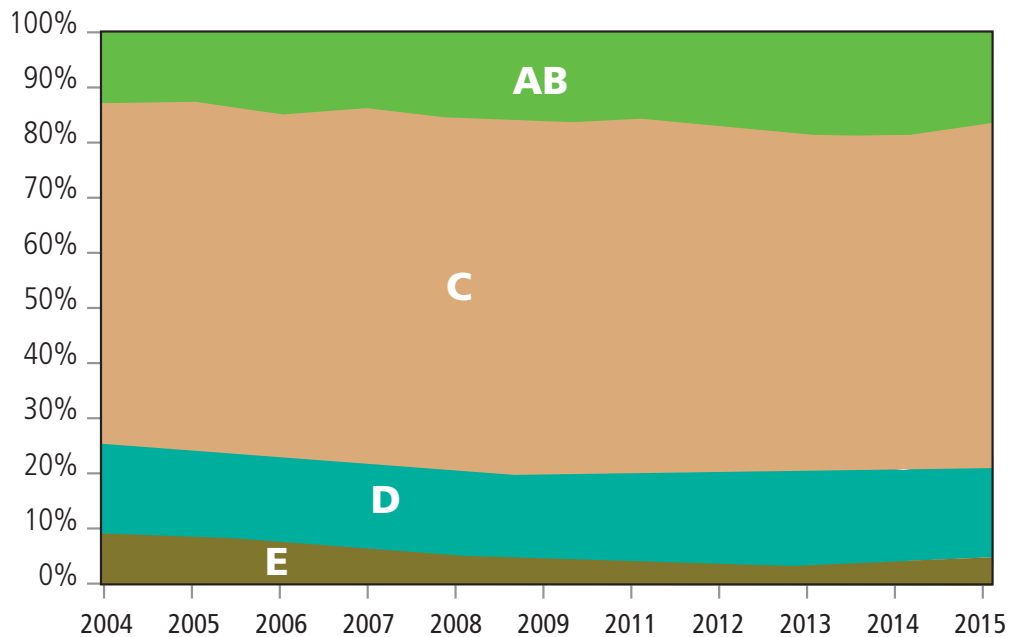
“O COOPERATIVISMO DE CRÉDITO TEM COMPROMISSO COM A ECONOMIA REAL, COM O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. NA EUROPA, PASSOU BEM PELA CRISE DE 2008/2009 JUSTAMENTE POR NÃO ESTAR COMPROMETIDO COM A ESPECULAÇÃO QUE DERRUBOU BANCOS TRADICIONAIS. ISSO AUMENTOU A CONFIANÇA DA POPULAÇÃO NO SEGMENTO. ESTE DIFERENCIAL, O DA CONFIANÇA E DO COMPROMISSO, ESTÁ TAMBÉM SENDO CONSTRUÍDO PELO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO BRASILEIRO.”

PETER POSCHEN / ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO





CLASSES ECONÔMICAS - RIO DE JANEIRO



NÃO PODEMOS OLHAR apenas as contas nacionais na definição de estratégias de atuação. Niterói é a cidade brasileira com maior renda *per capita*. O PIB muitas vezes não reflete a renda das pessoas. Duque de Caxias tem PIB alto em função da refinaria da Petrobras, mas a renda da população é baixa. A renda no bolso explica mais a demanda por produtos e serviços do que o PIB.

É preciso também se levar em contas ações de redução da desigualdade e a sustentabilidade do processo. E isso, não por razões altruístas, mas de mercado. Além disso, é preciso também ter sensibilidade tanto para indicadores econômicos quanto para os de expectativas da sociedade. Ter atenção especial aos índices de confiança da população sobre o mercado de trabalho, sua renda futura, bem-estar próprio e da família, além dos rumos do país. ;

“AVANÇAMOS MUITO. MAS HÁ AINDA UMA LONGA E LARGA ESTRADA A SER PERCORRIDA. PASSAMOS DE 1% DE PARTICIPAÇÃO NO SISTEMA FINANCEIRO NACIONAL PARA OS ATUAIS 3,9%, SEGUNDO DADOS DO PRÓPRIO BANCO CENTRAL. MAS SÓ A INTERCOOPERAÇÃO VAI PERMITIR A PAVIMENTAÇÃO DESSA ESTRADA, O QUE É FUNDAMENTAL PARA OS AVANÇOS GANHAREM VELOCIDADE E NOSSA PARTICIPAÇÃO CHEGAR RAPIDAMENTE A 8% E LOGO ATINGIR OS SONHADOS DOIS DÍGITOS.”

RICARDO BLANC / SINACRED





Intercooperação impulsiona o processo de inovação

A CLICC RIO 2020 deixou claro que Sicoob, Sicredi e Unicred podem pensar juntos alternativas para a consolidação e ampliação da oferta de produtos e prestação de serviços de qualidade e mais baratos à população. Ficou evidente que vivemos um momento de oportunidades, que o pior da crise já passou. Conseguimos crescer na crise e, certamente, poderemos continuar ampliando nosso atendimento físico e virtual aos cooperados e ao público em geral, em todo o território fluminense.

Podemos pensar juntos estratégias e compartilhar soluções de caráter inovador, tecnologias digitais que melhorem rapidamente a vida dos nossos cooperados e, conseqüentemente, aumentem o nosso volume de negócios. A eficiência trabalha em favor dos cooperados, da população local e amplia nossos bons resultados.

A Conferência mostrou-nos que podemos, sim, exercitar, mais profundamente, um dos princípios que nos regem, o da intercooperação. A digitalização do sistema financeiro está promovendo mudanças muito rápidas no nosso modo de pensar, de atuar. Precisamos acompanhar este processo, em tempo hábil. O trabalho conjunto pode tornar mais ágil e menos difícil o processo de obtenção contínua das transformações necessárias.

A boa notícia é que o cooperativismo de crédito está respondendo bem a este processo sem volta. As empresas ofertantes de aplicativos financeiros, as *fintechs*, não são nossas concorrentes, mas parceiras. Trazemos as *startups* para perto de nós. Podemos, assim, acompanhar o que fazem e influenciar a construção de soluções do nosso interesse.

Algumas soluções já estão aí dando resultados. Nosso foco está na redução dos custos operacionais de nossas cooperativas e dos nossos clientes. Simultaneamente ao movimento de entregas inovadoras, estamos implementando outros também importantes nas áreas de educação financeira e de educação cooperativista. Tais movimentos complementam-se, estimulam-se mutuamente, agregam valor ao que fazemos. ;





KEDSON MACEDO

- Presidente da CONFEBRAS;
- Diretor Executivo da COOPERFORTE Cooperativa de Crédito;
- Formação em Finanças, Marketing e Banking;
- Trabalhou por 30 anos no Banco do Brasil nas áreas de atendimento a empresas, estratégia para negócios de varejo e banco de investimento;
- Foi conselheiro do SEBRAE NACIONAL por 5 anos;
- Casado, tem 3 filhos e é natural de Brasília.



ALBERTO BORGES MATIAS

- Professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP, campus de Ribeirão Preto;
- Diversos livros e artigos científicos publicados no Brasil e no exterior;
- Atuou por doze anos na Serasa, fundou o Ibmecc em São Paulo, foi consultor do Banco Central do Brasil, Unicred, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e diversas outras empresas;
- Fundador do ABM Group, USP/Ribeirão Preto;
- Fundador do INEPAD - Instituto de Ensino e Pesquisa em Administração;
- Adota anualmente uma entidade assistencial para apoio, coordenou o planejamento estratégico da Casa das Mangueiras.



CARLOS ALBERTO DOS SANTOS

- Especialista em gestão e políticas de desenvolvimento, com foco em pequenas empresas e instituições financeiras;
- Doutor em Economia pela *Freie Universitaet Berlin*, 2002;
- Cursos de especialização no Enseed (França), Babson College (EUA) e Universidade Católica de Milão (Itália);
- Foi diretor do SEBRAE NACIONAL por 8 anos;
- Atualmente diretor da COSINERGIA Finanças & Empreendedorismo Ltda;
- Professor universitário, publicou livros e artigos em diversos países;
- Palestrante e conferencista no Brasil, EUA, Europa e América Latina.



NEILTON RIBEIRO DA SILVA

- Bacharel em Ciências Administrativas e Contábeis;
- Diretor Presidente do Sicoob Fluminense;
- Representante do Ramo Crédito do Rio de Janeiro junto à OCB/SESCOOP;
- Pós-Graduado em Metodologia de Ensino Superior e Análise de Sistemas;
- Mestre em Economia Empresarial;
- Formação Internacional em Programação neurolinguística;
- Professor de Administração e Empreendedorismo no Instituto Federal Fluminense;
- Professor de Administração da Universidade Cândido Mendes de Campos;
- Superintendente da Fundação do Instituto Federal Fluminense.





NÁBIA JORGE

- Diretora Operacional do Sicoob Central Rio;
- Formada em Análise de Sistemas pela UNESA;
- MBA em Planejamento Financeiro pela FGV;
- *Certified Financial Planner* (CFP®) pela PLANEJAR;
- Responsável pela implantação dos programas do Instituto Sicoob no RJ;
- Facilitadora no Programa de Gestão de Finanças Pessoais do Bacen.



CEZAR TAURION

- *Partner e Head of Digital Transformation* da Kick Corporate Ventures;
- VP de Inovação do ISCBA;
- 12 anos Diretor de Novas Tecnologias Aplicadas e *Chief Evangelist* da IBM Brasil;
- Foi sócio-diretor da PwC;
- Formado em Economia, mestrado em Ciência da Computação e MBA em Marketing de Serviços;
- Escreve sobre tecnologia da informação em sites e publicações especializadas;
- Palestrante em eventos e conferências, autor de nove livros;
- Foi professor do MBA em Gestão Estratégica da TI pela FGV-RJ e de Empreendedorismo na Internet pelo MBA da NCE/UFRJ.



EDUARDO DINIZ

- Diretor Presidente SICOOB Empresas Rio de Janeiro;
- Graduação em Economia na PUC-Rio;
- MBA Finanças IBMEC;
- No Cooperativismo Financeiro há 17 anos.



LINCOLN LOH

- Diretor de Operações Sicredi Rio;
- Executivo na Área Administrativa e Financeira;
- Com 22 anos de experiência profissional na área financeira e administrativa com ênfase em gestão financeira e de negócios, em instituição financeira;
- Responsável pela implementação da Tesouraria Centralizada. Participou do Projeto de implantação de sistema de tecnologia, através da utilização de metodologia PMI. Liderança na frente de Tesouraria, módulo CFM do SAP R/3;
- Foi Diretor Administrativo na Abraccinti – Associação Brasileira da Cooperativas de Crédito;
- Liderou a migração de sistema cooperativo para Sicredi.





DAYSE CARVALHO DE FREITAS

- Graduada em Ciências Contábeis pela Federação das Faculdades Celso Lisboa;
- MBA Executivo em Finanças pelo IBMEC;
- MBA Planejamento Financeiro em Cooperativas de Crédito pela FGV;
- Possui diversos cursos de especialização em Cooperativismo no Brasil e no mundo;
- Superintendente na Unicred Central RJ/MT.



JOÃO ANDRÉ C. M. PEREIRA

- Chefe de Gabinete do Diretor de Regulação no Banco Central do Brasil;
- Coordena, pelo BCB, o acordo de cooperação técnica com a Organização das Cooperativas Brasileiras;
- Foi Chefe Adjunto do Departamento de Monitoramento do Sistema Financeiro Nacional, área da supervisão responsável pela gestão da Central de Risco de Crédito e avaliação de riscos no SFN;
- Doutor e Mestre em Finanças pela FGV/SP e Engenheiro Mecânico pela Universidade de Brasília.



FRANCISCO CARLOS BEZERRA

- MBA em Planejamento Financeiro em Cooperativismo de Crédito na FGV;
- Pós Graduação em Controladoria e Finanças pela Universidade Federal Fluminense;
- Pós Graduação em Controladoria com ênfase em custos na Faculdade Estácio de Sá;
- Contador pela Faculdade Moraes Junior e Ciências Econômicas pela Faculdade Economia e Finanças do Rio de Janeiro;
- Certificação Profissional Anbima - CPA 10;
- Presidente do Sicoob Cecremef de 2011 a 2014 e reeleito de 2014 a 2018;
- Vice Presidente do Sicoob Central Rio de 2011 até hoje;
- Diretor Auxiliar do Sicoob Cecremef no período de 2008 a 2011;
- Conselheiro Fiscal do Sicoob Cecremef por três mandatos.



JORGE FARHA

- Vice Presidente Sicredi Rio;
- Médico especialidade em Gastro/Endoscopia Digestiva;
- Eleito Vice-Presidente da Sicredi Rio em 2017;
- Diretor Colegiado da Sicredi Rio no período de 2011 a 2016;
- Conselheiro de Administração de 2001 a 2010 e de 1993 a 1997, na Cooperativa.





PETER POSCHEN

- Diretor do Escritório da Organização Internacional do Trabalho no Brasil;
- Doutor em Ciências e Mestre em Silvicultura;
- Mais de 30 anos de experiência em quatro continentes com desenvolvimento sustentável, com foco nas dimensões sociais do uso de recursos naturais;
- Foi Diretor do Departamento de Empresas, Coordenador de Programas e Especialista Sênior de Desenvolvimento Sustentável da Organização Internacional do Trabalho (OIT) em Genebra, Suíça.



MARCELO NERI

- Economista chefe e fundador do Centro de Políticas Sociais (CPS/FGV);
- Professor no doutorado, mestrado e graduação da EPGE da FGV;
- Foi Ministro Chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (SAE) de março de 2013 até fevereiro de 2015;
- Foi Presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) de setembro de 2012 até maio de 2014;
- PhD em economia pela Universidade de Princeton, mestre e bacharel em economia pela PUC-Rio;
- Autor de livros e artigos em revistas especializadas nacionais e internacionais;
- Integrante de vários conselhos da sociedade civil, já ocupou o cargo de Secretário Executivo do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social.



MARY VIRGÍNIA NORTHRUP

- Diretora Administrativo-Financeiro do Sicoob Central Rio;
- Diretora administrativo e financeiro Sicoob Coomperj;
- Procuradora de Justiça do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro;
- Especialização em Problemas Brasileiros;
- Formada em Direito e Administração de Empresas;
- Diplomada no Curso de Política Estratégica pela ESG.



RICARDO BLANC

- Médico Gastroenterologista formado em 1978;
- MBA em Planejamento Financeiro para Cooperativas de Crédito pela Fundação Getúlio Vargas;
- Secretário Municipal de Saúde de Petrópolis de 1997 a 2000;
- Vice-Presidente e Diretor Financeiro da Unimed Petrópolis de 1994 a 1997;
- Presidente da UNICRED Petrópolis de 1997 a 2015;
- Segundo Vice-Presidente da UNICRED Serra Mar desde 2015;
- Diretor Financeiro de 2012 a 2015 e Presidente do Sindicato Nacional das Cooperativas de Crédito, SINACRED, desde 2016.



CLICC

CONFERÊNCIA
DAS LIDERANÇAS
DO COOPERATIVISMO
DE CRÉDITO

RIO 2020

*"Trabalhamos para que as cooperativas fluminenses se desenvolvam com base em três pilares: **austeridade, profissionalismo e excelência**. Todos norteados pelos valores que regem o cooperativismo, tais como: **cooperação, transformação e equilíbrio**".*

Marcos Díaz
Presidente do Sistema OCB/RJ